



Nonada: Letras em Revista

E-ISSN: 2176-9893

nonada@uniritter.edu.br

Laureate International Universities

Brasil

Freitas Pereira Toassi, Pâmela; Borges Mota, Mailce
TRANSFERÊNCIA LINGÜÍSTICA NO NÍVEL SINTÁTICO NA PRODUÇÃO DO INGLÊS
COMO TERCEIRA LÍNGUA

Nonada: Letras em Revista, vol. 2, núm. 21, outubro, 2013

Laureate International Universities

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=512451671026>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

TRANSFERÊNCIA LINGÜÍSTICA NO NÍVEL SINTÁTICO NA PRODUÇÃO DO INGLÊS COMO TERCEIRA LÍNGUA

Pâmela Freitas Pereira Toassi¹
Mailce Borges Mota²

RESUMO: Este estudo investigou a transferência linguística no nível sintático na produção oral e escrita do inglês como terceira língua. Exemplos de transferência linguística foram encontrados nos seguintes aspectos gramaticais: formação do plural, colocação de adjetivos, uso de artigos, preposições, pronomes, ordem da sentença e com relação ao tempo verbal. Os resultados são discutidos à luz das hipóteses apresentadas na literatura.

Palavras-chave: Transferência linguística. Aprendizagem de terceira língua. Inglês como terceira língua.

SYNTACTIC TRANSFER IN THE PRODUCTION OF ENGLISH AS A THIRD LANGUAGE

ABSTRACT: This study investigated syntactic transfer in the oral and written production of English both as a second and as a third language. Examples of syntactic transfer were found in the following grammatical aspects: plural formation, adjective placement, use of articles, prepositions, pronouns, word order and tense. The results of the present study are discussed in the light of the hypotheses presented in the literature.

Keywords: Syntactic transfer. Third language acquisition. English as a third language.

INTRODUÇÃO

De acordo com Jarvis e Pavlenko (2010), até meados de 1990, acreditava-se que a sintaxe era imune aos efeitos de influência translinguística. No entanto, os autores afirmam que os estudos recentes têm mostrado que a transferência linguística no nível sintático pode ocorrer em vários aspectos da sintaxe, incluindo recepção e produção da linguagem. O presente estudo buscou analisar os efeitos da influência translinguística e/

¹ Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Inglês: Estudos Linguísticos e Literários. E-mail: pam.toassi@gmail.com

² Professora do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: mailcemota54@gmail.com

ou transferência linguística³ no nível sintático na produção do inglês como terceira língua. Influência translinguística se refere à consequência da interação da língua alvo com as línguas previamente adquiridas (CENOZ, 2008).

A transferência linguística no nível sintático não afeta apenas a ordem de sentença, mas também outros aspectos gramaticais, tais como o julgamento gramatical de multilíngues, a colocação de advérbios, a colocação de adjetivos e o uso dos sujeitos nulos (JARVIS; PAVLENKO, 2010). Os efeitos de transferência linguística podem ainda ser observados em várias áreas gramaticais, tais como o uso de pronomes relativos, de artigos e de preposições. Além disso, Jarvis e Pavlenko (2010) afirmam que muitos estudos têm investigado os efeitos da influência translinguística na sintaxe através da perspectiva gerativa.

Os efeitos de influência translinguística tornam-se mais evidentes quando analisados em contextos multilíngues, onde há a interação de pelo menos três línguas. Rothman e Amaro (2010) argumentam que o estudo da aprendizagem de uma terceira língua oferece a possibilidade de investigar a influência translinguística de acordo com três possibilidades: (1) se a língua nativa é a única fonte para aprendizagem da língua subsequente; (2) se as últimas línguas adquiridas são a fonte/base para a aprendizagem da próxima língua, e (3) se todo o repertório linguístico é usado para auxiliar o processo de aprendizagem da língua subsequente.

Do mesmo modo, Rothman, Iverson e Judy (2011) descrevem a transferência linguística na aprendizagem de uma terceira língua por meio de quatro possibilidades. A primeira possibilidade seria a de nenhuma transferência. De acordo com esta posição o estado inicial da aprendizagem de uma língua na vida adulta independe do conhecimento linguístico prévio do aprendiz. De acordo com Bardel e Falk (2007), nesta posição, argumenta-se que nem a L1 nem a Gramática Universal (GU) estão envolvidas no processo de aprendizagem; apenas estratégias gerais de aprendizagem guiam o desenvolvimento do aprendiz na nova gramática. Assim, de acordo com esta posição, não se prevêem diferenças no desempenho de aprendizes com diferentes níveis de conhecimento linguístico anterior à aprendizagem da língua alvo. A segunda possibilidade seria a de transferência da L1 – fator L1. De acordo com esta posição a L1 tem um papel privilegiado e a transferência linguística irá ocorrer apenas da L1. A

³ Os termos transferência linguística e influência translinguística serão utilizados de maneira intercambiável ao longo do artigo (JARVIS; PAVLENKO, 2010).

terceira possibilidade seria a de transferência da L2 – status da L2. Esta posição é defendida por Bardel e Falk (2007), e, de acordo com os autores, na aprendizagem de uma terceira língua, a L2 tem o papel de um filtro que bloqueia transferência linguística da L1. Dessa forma, apenas a L2 pode exercer influência na aprendizagem da L3.

A quarta possibilidade seria a de transferência da L1 e da L2. Nesta posição os aspectos e funções gramaticais podem ser transferidos tanto da L1 como da L2. Esta posição foi dividida na literatura em dois modelos formais: (A) O modelo do aperfeiçoamento cumulativo (*Cumulative Enhancement Model*), desenvolvido por Flynn (2004, *apud* ROTHMAN, 2011), prevê que toda a experiência linguística serve como fonte de influência na aprendizagem da terceira língua. Porém, de acordo com este modelo, transferência linguística ocorre apenas se for facilitativa. Ou seja, a transferência é positiva ou neutra. (B) O modelo da supremacia tipológica (*The Typological Primacy Model* – ROTHMAN, 2011): este modelo prevê que a proximidade tipológica é a variável mais determinante no condicionamento da transferência linguística em multilíngues. De acordo com este modelo, a transferência linguística não facilitativa também pode ocorrer com base na proximidade tipológica das línguas. Neste modelo, o estado inicial da aprendizagem da L3 é composto pelas propriedades sintáticas da língua mais próxima da língua alvo, seja ela a L1 ou a L2. A proximidade tipológica considerada no modelo é aquela perceptível pelo aprendiz, denominada psicotipologia (*psychotypology*).

O presente estudo teve como objetivo investigar as diferentes possibilidades de transferência linguística propostas na literatura por Rothman e Amaro (2010) bem como por Rothman, Iverson e Judy (2011) no contexto brasileiro.

1 METODOLOGIA

Participantes

Partindo do pressuposto de que a área de aprendizagem de terceira língua e/ou o multilinguismo oferecem maiores possibilidades para a investigação dos fenômenos de influência translíngüística, o presente estudo envolveu 16 aprendizes de inglês como terceira língua (L3G), todos falantes de português brasileiro (PB) como língua nativa. Destes participantes, 7 eram falantes de alemão como L2, 7 eram falantes de espanhol

como L2, 1 era falante de italiano como L2 e 1 era falante de francês como L2. Um grupo controle formado por 15 falantes nativos de português brasileiro aprendizes de inglês como segunda língua (L2G) também fez parte do presente estudo.

Todos os participantes do presente estudo foram solicitados a realizar um teste de proficiência, o qual se consistiu em uma versão adaptada do Preliminary English Test (PET). Os participantes selecionados para o presente estudo foram os que atingiram notas que variaram de 65 a 85 (de um máximo de 100) neste teste de proficiência.

Tarefas

Duas tarefas narrativas foram escolhidas para eliciar o uso do inglês, uma oral e outra escrita. Na narrativa oral, os participantes foram solicitados a contarem a história de um filme que eles haviam assistido recentemente. As narrativas dos participantes foram gravadas e deveriam durar de 5 a 7 minutos. Na narrativa escrita, os participantes foram solicitados a contar a história do livro de figuras *Frog, where are you?* (MAYER, 1969), cujo tema principal era a busca de um menino pelo seu sapo, o qual havia desaparecido. Os alunos tinham 30 minutos para escreverem de 150 a 250 palavras. Todos os participantes deste estudo foram voluntários e assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido antes do início da coleta de dados.

2 RESULTADOS

As narrativas produzidas pelos participantes foram analisadas com foco na influência translinguística no nível sintático. Na tarefa escrita, apenas a L1 influenciou a produção dos participantes dos dois grupos (L2G e L3G). Porém, em relação à tarefa oral, houve influência da L2 dos participantes do L3G, mas esta influência não foi superior ao número de casos de influência baseados na L1 desses participantes. A Tabela 1 mostra os resultados da análise da influência da primeira e da segunda língua no nível sintático, na produção do inglês. Os resultados foram classificados em 7 categorias gramaticais.

Tabela 1

Influências translinguísticas no nível sintático

	L2G		L3G			
	Influência da L1		Influência da L1		Influência da L2	
	Tarefa Escrita	Tarefa Oral	Tarefa Escrita	Tarefa Oral	Tarefa Escrita	Tarefa Oral
Formação do plural	1	0	0	0	0	0
Colocação de adjetivos	4	2	0	1	0	0
Artigos	1	2	1	4	0	0
Preposições	5	2	4	1	0	0
Pronomes	6	20	19	30	0	0
Ordem da sentença	0	3	0	3	0	2
Tempo verbal	0	0	0	0	0	3
Total		43		63		5

A Tabela 1 mostra os resultados de influência translinguística na produção do inglês que foram divididos em 7 categoriais gramaticais: 1) formação do plural, 2) colocação de adjetivos, 3) artigos, 4) preposições, 5) pronomes, 6) ordem da sentença, e 7) tempo verbal. A primeira categoria da Tabela 1 se refere à formação do plural, em que aconteceu apenas 1 caso de influência da L1 para o L2G, o qual está exemplificado abaixo, juntamente com a sua tradução em português.

P46: *The dog let the bees **angries**.*
(O cachorro deixou as abelhas **bravas**.)

No português, o adjetivo sofre flexão para concordar em gênero e número (CASTILHO, 2010), porém em inglês esta flexão não ocorre (JAENSCH, 2011). Na frase exemplificada acima, a flexão de adjetivos do português foi transferida para o inglês, resultando na forma *angries* (bravas). Porém, em inglês, o adjetivo mantém sua forma original (*angry*) tanto para a designação do plural como do singular. A segunda categoria da Tabela 1 se refere à colocação de adjetivos. Observa-se que houve 6 casos de influência da L1 para o L2G e apenas 1 caso para o L3G; todos refletem a colocação de adjetivos no português, em que as construções substantivo + adjetivo e também adjetivo + substantivo são ambas possíveis (CASTILHO, 2010). A frase seguinte exemplifica esta influência do português na produção do inglês:

P9: He saw a little *animal* *angry*
 noun *adjective*
(Ele viu um animalzinho bravo.)

Diferentemente do português, no inglês, os adjetivos que expressam uma propriedade inerente ao substantivo principal (COWAN, 2008, p. 241) devem preceder o substantivo, obedecendo a seguinte ordem: '*angry animal*'. A terceira categoria da Tabela 1 é a dos artigos, onde participantes transferiram do português o uso do artigo

definido na frente de nomes próprios e de pronomes possessivos. De acordo com a Tabela 1, observa-se que a influência da L1 no uso dos artigos se manifestou em 3 casos para o L2G e 5 para o L3G. O exemplo abaixo mostra o uso do artigo definido *the* (o/a, os/as) na frente de um nome próprio:

P9: ***The Peter's home***
(A casa do Peter.)

Em inglês, nomes próprios, mais especificamente, nomes pessoais não são precedidos pelo artigo (YULE, 2009; COWAN, 2008). A influência do português também se manifestou no uso do artigo definido *the* precedendo um pronome possessivo *your* (seu), conforme o exemplo abaixo:

P61: Was ***the your job***.
(O teu trabalho)

De acordo com Cowan (2008), falantes nativos de espanhol, francês, italiano e alemão podem utilizar artigos definidos ao invés de utilizar um pronome possessivo. No entanto, Cowan (2008) não menciona o uso do artigo definido precedendo um pronome possessivo. Porém, é possível inferir que a frase *the your job* foi um resultado da influência da L1 do participante (português), já que em português esta frase seria aceitável.

A categoria seguinte é a das preposições, em que houve 7 casos de influência da L1 para o L2G e 5 para o L3G. Dois desses casos de influência da L1 do L2G foram relacionados ao verbo *tell*, o qual, no inglês, de acordo com Cowan (2008, p. 330) é um verbo que admite objetos indiretos precedidos pela preposição *to* (para) quando a sentença é estruturada em um padrão preposicional, ou seja, quando o objeto direto precede o objeto indireto. No entanto, quando o objeto indireto ocorre entre o verbo e o objeto direto (padrão de movimento dativo), o objeto indireto não é precedido pela preposição *to*. O exemplo abaixo ilustra este fenômeno:

P1: ***Tell to everybody that he was Hester's father***,
(**Contar para** todo mundo que ele era o pai da Hester)

Conforme ilustrado no exemplo acima, percebe-se que o participante foi influenciado pelo português, em que a preposição 'para' (*to*) é utilizada normalmente com o verbo contar (*tell*). O mesmo fenômeno ocorre com o L3G, conforme o exemplo seguinte:

P4: *gives* *to Daniel* *a house*
 IO DO

Mais uma vez a frase acima está estruturada em um padrão de movimento dativo (COWAN, 2008), onde a preposição *to* não é requerida. A preposição *to* deveria preceder o objeto indireto apenas se a frase estivesse estruturada em um padrão preposicional (COWAN, 2008), como abaixo:

gives *a house* *to Daniel*
 DO IO

Ainda em relação à categoria de preposições, houve um exemplo do uso do verbo *listen to*, no qual a preposição *to* não foi usada, conforme o exemplo seguinte.

P41: *He **listened** some noise from behind the dead tree.*
*Ele **ouviu** algum barulho de trás da árvore morta.*

O exemplo citado mostra que o participante foi influenciado pela L1, o português, onde o equivalente do verbo *listen* é ouvir, um verbo transitivo que requer apenas um objeto direto, portanto, o verbo *ouvir* em português não requer uma preposição. Provavelmente os participantes transferiram o uso do verbo *ouvir* para o seu equivalente *listen* em inglês, onde a preposição é requerida, já que *listen to* é um verbo preposicional. Cowan (2008) explica que verbos preposicionais são formados por duas unidades de palavras, consistindo de um verbo transitivo e uma preposição, adquirindo o significado de um único verbo. Cowan (2008) coloca ainda que falantes nativos de espanhol podem ter problemas com o verbo preposicional *listen to*, já que o verbo tem um significado equivalente ao verbo da L1 do aprendiz, o qual não é utilizado com uma preposição. De acordo com os resultados deste estudo, a mesma afirmação é verdadeira para os falantes nativos de PB.

A categoria seguinte é a dos pronomes, a qual teve 26 casos de influência da L1 para o L2G e 49 para o L3G. Certamente, esta foi a categoria gramatical, em que houve uma maior influência da L1 dos participantes. Nesta categoria, os participantes foram influenciados pela L1, utilizando o pronome *your* ao invés de utilizar *his/her*, conforme o exemplo abaixo:

P3: *Asgard is the kingdom where Thor lives with **your** family.*
*Asgard é o reino onde Thor vive com **sua** família.*

Em português, o pronome *seu* (*your*) também é utilizado para indicar posse para a segunda pessoa do singular, principalmente na língua falada (CASTILHO, 2010, p. 503). Isso justificaria o grande número de casos de influência da L1 dos participantes no uso específico deste pronome. Esse fenômeno é compatível com a afirmação de Cowan (2008), de que os problemas que os aprendizes de inglês têm com pronomes normalmente são um resultado das diferenças e semelhanças entre os sistemas de pronomes da L1 do aprendiz e do sistema em inglês. Especificamente nos casos exemplificados neste estudo, os participantes selecionaram o pronome de acordo com o padrão da língua nativa. Nesta categoria de pronomes, também houve casos de influência da L1 relacionados à omissão do pronome pessoal, conforme os exemplos abaixo, onde □ indica a ausência do pronome pessoal.

P3: *But □ is a nice movie.*

P1: *And he died there because □ **confessed** his secret.*

P57: *□ **Talks** about a roteirist.*

Esse fenômeno ocorre, provavelmente, porque, enquanto o português marca o parâmetro *pro-drop* positivamente, o inglês, marca este parâmetro negativamente (BERLINCK; AUGUSTO; SCHER, 2000; COWAN, 2008). Assim, o português permite o uso de sujeitos nulos, já que há flexão do verbo para indicar número e pessoa, o que não ocorre no inglês (BERLINCK; AUGUSTO; SCHER, 2000; COWAN, 2008). Portanto, no inglês o pronome pessoal deve ser explícito. Cowan (2008) explica este fenômeno da ausência do sujeito, com base nos falantes nativos de espanhol e italiano, porém a mesma explicação é verdadeira para o português. Cowan (2008) explica, no contexto da Gramática Universal (GU), que as línguas que não requerem pronome pessoal são chamadas de línguas *pro-drop* ou línguas de sujeito nulo, assim como o espanhol, o italiano e o português. Porém, o inglês difere dessas línguas neste parâmetro. Em português, o sujeito não precisa ser explícito, pois o verbo é flexionado para concordar com número e pessoa, e esta flexão indica o sujeito da sentença (BERLINCK; AUGUSTO; SCHER, 2000). No entanto, no inglês o sujeito tem que ser explícito, já que não há flexão de verbo indicando o sujeito da sentença, com exceção da terceira pessoa do singular, segundo a qual o verbo é flexionado para concordar com os pronomes *he/she/it*. Portanto, é possível inferir que os aprendizes de inglês omitem o pronome pessoal, pois estão influenciados pela língua nativa, o português.

A categoria seguinte é a da ordem da sentença, em que houve 3 casos de influência da L1 para o L2G e 5 para o L3G, 3 baseados na L1 e 2 baseados na L2. O exemplo seguinte ilustra um caso de influência da L2 para o L3G, na estruturação da sentença em inglês:

P31: people in a small city live can
 Subject Object Verb

A sentença acima foi estruturada em um padrão SOV (Sujeito – Objeto – Verbo), correspondendo à estrutura do alemão, que é uma língua de ordem SOV (HAWKINS, 2006). No entanto, o inglês é uma língua de ordem SVO (Sujeito – Verbo – Objeto), na qual a sentença acima não é comum. De acordo com o padrão de estruturação de sentença do inglês, uma versão alternativa para a frase acima seria:

People can live in a small city
 Subject Verb Object

A última categoria da Tabela 1 está relacionada ao tempo verbal, em que houve 3 casos de influência da L2 para o L3G, os quais foram relacionados ao uso do *Present Perfect* ao invés do *Past Simple* no inglês. De acordo com Cowan (2008), a estrutura do Presente Perfeito no alemão se assemelha à do inglês, conforme pode ser observado no esquema a seguir:

<i>haben + past participle of the verb</i>	Present Perfect in German
<i>have + past participle of the verb</i>	Present Perfect in English

Cowan (2008) menciona que falantes nativos de francês podem ter problemas ao usar o Presente Perfeito em situações nas quais o passado simples teria que ser usado em inglês. De acordo com o autor, tal fato ocorre porque em francês, o *passé composé* lembra o *Present Perfect* do inglês, mas tem um uso diferente. Observa-se que a mesma afirmação é verdadeira para o *Present Perfect* no alemão, já que este é estruturalmente semelhante ao inglês, mas tem um uso diferente. O exemplo a seguir ilustra o uso do *Present Perfect* quando o *Past Simple* seria mais apropriado:

P60: *The last film I **have seen** was “The life from the others”.*

Em alemão seria comum utilizar o *Perfekt* para expressar esta ação, porém, no inglês, a seguinte estrutura seria mais apropriada:

*The last film I **saw** was “The life from the others”.*

Em suma, os resultados de influência translinguística mostraram que a L1 dos participantes foi mais influente do que a L2 na produção sintática do inglês como terceira língua. Observa-se também que o L3G teve um número maior de casos de influência translinguística, mesmo quando apenas a influência da L1 é considerada. Também deve ser salientado que os resultados de influência translinguística foram mais numerosos na tarefa oral do que na tarefa escrita, para os dois grupos de participantes, o que mostra um efeito do tipo da tarefa nos resultados.

3 DISCUSSÃO

Os resultados do presente estudo confirmam a afirmação de Jarvis e Pavlenko (2010), de que a sintaxe não é imune aos efeitos de influência translinguística. Os resultados do estudo apontaram uma influência significativa da língua nativa dos participantes na produção da L3. Na tarefa escrita, não foram encontrados efeitos da influência da L2, e na tarefa oral apenas alguns casos de influência da L2 foram encontrados. Mais especificamente, foram 17 casos de influência da L1 para o L2G e 24 para o L3G na tarefa escrita, enquanto que na tarefa oral foram 29 casos de influência da L1 para o L2G, 39 casos de influência da L1 e 5 de influência da L2 para o L3G. Embora um maior número de casos de influência translinguística tenha sido encontrado para o L3G, a análise dos resultados mostrou que a influência da L2 no nível sintático também é possível. Estudos anteriores (PERALES; MAYO; LICERAS, 2009; JIN, 2009; RANONG; LEUNG, 2009) com foco em um aspecto gramatical específico da língua alvo também encontraram a L1 como a maior fonte de influência na aprendizagem da terceira língua.

Com relação às três possibilidades propostas por Rothman e Amaro (2010) para a transferência linguística na aprendizagem de uma terceira língua, o presente estudo favoreceu a terceira, onde todo o repertório linguístico é usado para auxiliar o processo de aprendizagem da língua subsequente, já que tanto a L1 como a L2 influenciaram a produção da L3. Os resultados do presente estudo mostram que em ambas as tarefas houve mais casos de influência translinguística para o L3G do que para o L2G. Estes resultados mostram que os aprendizes de inglês como terceira língua fizeram uso de

todo o seu repertório linguístico como estratégia na produção da L3, ocasionando um número maior de casos de influência translinguística. Em relação às possibilidades de transferência linguística explicitadas por Rothman, Iverson e Judy (2011), este estudo favoreceu a quarta possibilidade, segundo a qual transferência da L1 e da L2 é possível. No entanto, o presente estudo não confirmou o CEM, já que os resultados mostraram que a transferência linguística pode ser também não facilitativa. Por outro lado, o fator da tipologia foi influente dentre as diferentes L2s dos participantes, já que apenas o alemão como L2 influenciou os resultados e o alemão é tipologicamente mais próximo do inglês do que as demais L2s dos participantes (francês, espanhol e italiano). Porém, os resultados do presente estudo não favorecem o TPM já que a L1 (português) foi mais influente do que a L2 na produção dos participantes.

Com relação ao resultado de que o número de casos de influência translinguística foi maior na tarefa oral do que na tarefa escrita, é possível que os participantes tenham percebido a tarefa escrita como sendo mais formal do que a tarefa oral. Este resultado é consistente com Dewaele (2001), que afirma que a formalidade da tarefa pode afetar os resultados de influência translinguística.

4 CONCLUSÃO

Os resultados do presente estudo mostraram que na produção do inglês como terceira língua todo o repertório linguístico do aprendiz (L1 e L2) pode servir como fonte de influência – a terceira possibilidade explicitada por Rothman e Amaro (2010). No entanto, os resultados apontaram uma influência significativamente maior da L1 dos participantes, o PB, do que das L2s. Dentre as quatro possibilidades de transferência linguística propostas por Rothman, Iverson e Judy (2011), o presente estudo favoreceu a quarta, em que transferência linguística pode ocorrer tanto da L1 como da L2. Porém, os resultados deste estudo não favoreceram nem o CEM nem o TPM, os dois modelos formais propostos dentro dessa perspectiva.

Este estudo mostra que aprendizagem de terceira língua é uma área profícua para a investigação dos fenômenos de transferência linguística. Mais estudos podem ser

desenvolvidos para melhor explorar os modelos propostos na literatura e também para a proposição de novas hipóteses que melhor expliquem os resultados, principalmente dentro do contexto brasileiro.

REFERÊNCIAS

BARDEL, C.; Falk, Y. The role of the second language in third language acquisition: the case of Germanic syntax. *Second Language Research*, v. 23, n. 4, p. 459-484, 2007.

BERLINCK, R. A.; AUGUSTO; M. R. A. & SCHER, A. P. Sintaxe. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C (Org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2008, pp. 207 -244.

CASTILHO, A. T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CENOZ, J. The acquisition of additional languages. *ELIA. Spain*, v. 8, p. 219-224, 2008.

COWAN, R. *The teacher's grammar of English*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

DEWAELE, J.M. Activation or inhibition? The interaction of L1, L2 and L3 on the language mode continuum. In: CENOZ, J.; HUFSEIN, B.; JESSNER, U. (Orgs.), *Cross-linguistic influence in third language acquisition: psycholinguistic perspectives*. Clevedon: Multilingual Matters, 2001, p. 69-89.

HAWKINS, R. *Second language syntax: a generative introduction*. Malden: Blackwell Publishing, 2006.

JAENSCH, C. L3 acquisition of German adjectival inflection: a generative account. *Second Language Research*. 27 (1), 83- 105, 2011.

JARVIS, S.; PAVLENKO, A. *Crosslinguistic influence in language and cognition*. New York: Routledge, 2010.

JIN, F. Third language acquisition of Norwegian objects: interlanguage transfer or L1 influence? In: LEUNG, Y. I. (Org.), *Third language acquisition and universal grammar*. Bristol (UK): Multilingual Matters, 2009. p. 144-161.

MAYER, M. *Frog, where are you?* New York: Dial Press, 1969.

PERALES, S.; MAYO, M. del P. G.; LICERAS, J. M. The acquisition of L3 English negation by bilingual (Spanish/ Basque) learners in an institutional setting. *International Journal of Bilingualism*, v. 13, n.1, p. 3-33, 2009.

RANONG, S. N.; LEUNG, Y. I. Null objects in L1 Thai-L2 English-L3 Chinese: An empiricist take on a theoretical problem. In: LEUNG, Y. I. (Org.). *Third language acquisition and universal grammar*. Bristol (UK): Multilingual Matters, 2009, p. 162-191.

ROTHMAN, J. L3 syntactic transfer selectivity and typological determinacy: the typological primacy model. *Second Language Research*, v. 27, n. 1, p. 107- 127, 2011.

_____.; AMARO, J. C. What variables condition syntactic transfer? A look at the L3 initial state. *Second Language Research*. v. 26, n. 2, p. 189- 218, 2010.

_____.; IVERSON, M.; JUDY, T. Introduction: some notes on the generative study of L3 acquisition. *Second Language Research*. v. 27, n. 1, p. 5- 19, 2011.

YULE, G. *Explaining English grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2009.